

Longe das escolas, perto do trabalho

DF-Educação

Apesar dos investimentos do GDF em educação, 2,6% dos jovens entre sete e 14 anos estão fora das salas de aula

ANA PAULA LUCENA

O Dia do Estudante, comemorado na última terça-feira, passou despercebido para algumas crianças de sete a 14 anos do Distrito Federal. Segundo dados da última Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (PDAD), 2,6% da garotada candanga nesta idade está fora da escola. Entretanto, em algumas regiões administrativas do DF, entre as quais o Varjão e Itapuã, o percentual sobe, alcançando 7,3% e 7,1%, respectivamente.

O **Jornal de Brasília** visitou as comunidades destas cidades e, durante um passeio de quase três horas, constatou que a situação de algumas crianças e adolescentes não é das melhores. Casos de evasão escolar foram facilmente identificados.

Os motivos eram variados: mães que perdem o prazo de matrícula, falta de documentação, dificuldade no processo de transferência, filhos que deixam a escola porque têm de ajudar no sustento da casa ou moram longe da escola, entre outros problemas. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, a educação é um dos direitos básicos fundamentais da criança.

FORA - Um dos exemplos de crianças que estão fora das salas de aulas é Romário Francisco de Oliveira, de 14 anos. O filho mais velho da família, ele está há dois anos sem estudar, desde que voltou de Formoso-MG.

"Minha mãe teve dificuldade em me criar. Então, me mandou para a casa dos meus tios durante sete anos. Eu cresci e voltei para ajudar a criar meus irmãos Jéssica (12 anos) e Matheus (seis). Estes, graças a Deus ainda estudam. Vamos ver se continuam", disse Romário.

Após ter voltado para o DF com o diploma do Ensino Fundamental na bagagem, Romário não conseguiu vaga nas escolas de Brasília. "Achei que voltando para a capital do País as coisas seriam mais fáceis. Até agora não consegui vaga na escola. Enfrentei fila e tudo, mas não adiantou. Eles (direção de escolas do Varjão, Lago Norte e Asa Norte) dizem que não têm vaga à noite", lamentou. "Não posso estudar durante o dia. Tenho de trabalhar", justificou.

CARROCEIRO - Para ajudar no sustento da família, Romário trabalha como carroceiro. Enfrenta uma jornada diária de 12 horas, inclusive nos fins de semana. Com o trabalho informal, chegou a ganhar R\$ 400 por mês, mas, em geral, consegue tirar apenas R\$ 200.

Questionado se tem algum sonho que gostaria de realizar, foi taxativo: "Não tenho sonho nenhum e nem expectativa que as coisas vão melhorar. Tenho uns dez amigos que

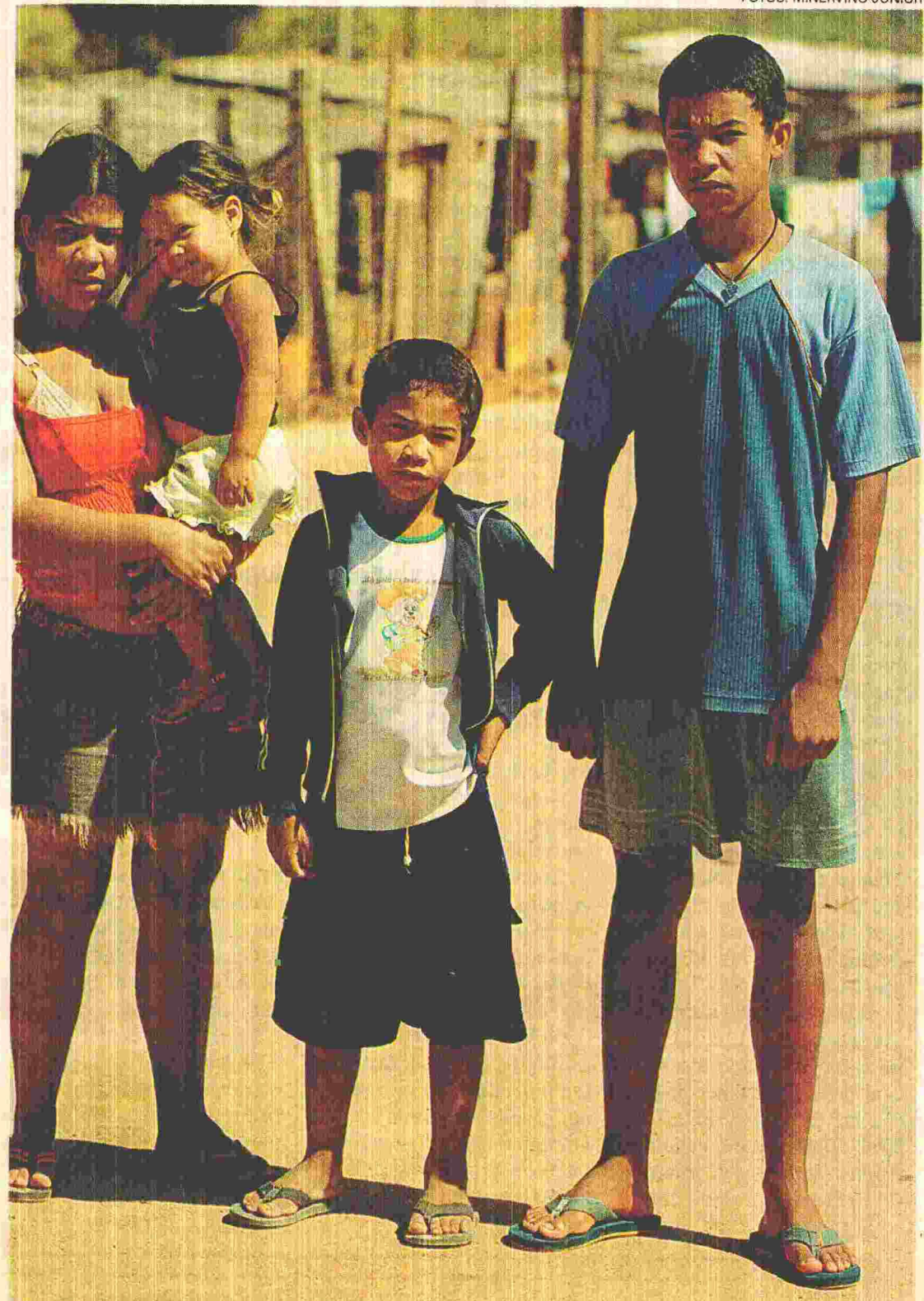
estão na mesma situação que eu. Prefiro não pensar nisso. Vou deixando a vida me levar", disse, parafraseando um de seus ídolos, o sambista Zeca Pagodinho.

MATERNIDADE - Alessandra Maria dos Santos também está fora da escola. Com 15 anos - feitos no início do ano - já é mãe de uma menina de quase dois anos. Ela conta que entrou na escola tarde e fez até a terceira série do Ensino Fundamental. Está sem estudar há cinco anos. "Até pensei em voltar, mas depois do nascimento da Lucimara foi impossível", disse. "Meu marido também não deixou, ele tem ciúmes. Mas, não dá

pra estudar tendo de cuidar de filho e de casa", esquivava-se Alessandra. Ela faz parte de uma família de três irmãos.

A mãe dela, a empregada doméstica Claudimira Maria da Silva, revela que a filha mais velha nunca quis estudar. "Sempre tivemos algumas dificuldades em encontrar vaga. Mas ela também nunca se esforçou para ficar na escola", retrucou. "Ainda bem que meus outros meninos (Matheus e Elessandro) não estão seguindo o exemplo dela. Espero que eles nunca abandonem os estudos. Quero um filho formado em advogado e Deus vai me dar esta graça", completou.

FOTOS: MINERVINO JÚNIOR



Alessandra (com a filha no colo) não estuda. Seus irmãos, Matheus e Elessandro, estão na escola